# Plácido de Carvalho e Luiz Severiano Ribeiro: "uma dupla de cinema"

Carlos Negreiros Viana*

## 1 Introdução

Plácido de Carvalho e Luiz Severiano Ribeiro exercem sobre os fortalezenses, logicamente sobre uma minoria que deles já ouviu falar, o fascínio que somente as personagens lendárias são capazes de despertar.

Contraditoriamente, no entanto, as histórias desses dois homens de negócio, que foram responsáveis por "um verdadeiro salto civilizatório" dado pela capital dos cearenses, nas quatro primeiras décadas do século XX, ainda permanecem demasiadamente desconhecidas.

Ao elaborarmos este artigo, que ora apresentamos, tivemos, como intenção, trazer uma modesta contribuição para o preenchimento de tão injustificável lacuna.

Como Plácido de Carvalho e Luiz Severiano Ribeiro foram parceiros de negócios, decidimos fazer uma reconstituição de suas vidas empresariais simultaneamente. No caso de Ribeiro, a ênfase da reconstituição é dada ao período em que desenvolveu suas atividades como empresário em Fortaleza. O resultado do nosso esforço é o que se segue.

## 2 Plácido Barbosa de Carvalho

Plácido Barbosa de Carvalho, nascido, a 17/01/1873, em Canindé, era filho de Bernardino Plácido de Carvalho e de Alexandrina Barbosa Cordeiro de Carvalho[1].

Do português Bernardino Plácido de Carvalho se soube, através do depoimento oral de Hélio Pinto Vieira, que era 1º. secretário da "Be-

* Mestre em Economia pela UnB e Professor Assistente do Curso de Ciências Econômicas da UFC/ Campus de Sobral.

neficiência Portuguesa Dous de Fevereiro" em 1872. Dele também se tem notícia que era sócio, em 1880, da firma "Plácido de Carvalho & Cia.", proprietária da fábrica de cigarros "São Sebastião", localizada na Rua da Palma (atual Rua Major Facundo), bem como de que era proprietário da loja de tecidos "Rocambole", situada na Rua Formosa (atual Rua Barão do Rio Branco)[2].

Arquivo Nirez

Arquivo Rosita Jereissati

**Plácido de Carvalho**

Já de Alexandrina Barbosa Cordeiro de Carvalho se sabe que era descendente de tradicional clã de Canindé (BARROS LEAL, 2005).

Plácido de Carvalho, que iniciara a vida profissional como caixeiro da firma "Barroso, Pinto & Cia."[3] constitui, em 13/02/1899, a firma individual "Plácido de Carvalho", que será proprietária de uma loja de modas, situada na Rua Floriano Peixoto, no então nº. 47 (*O Povo*, de 05/06/1935; Declaração, de 13/02/1899, arquivada na Junta Comercial do Estado do Ceará).

Segundo propaganda, publicada no *Almanaque do Ceará* de 1905, a "Casa Plácido", que se situa na Rua Major Facundo (no então nº. 94), com entrada também pela Rua Formosa (na época, no nº. 91), era, em 1904, um "Importante estabelecimento de fazendas, modas, novidades e artigos de alta fantasia", bem como era especializada "em enxovais

completos para batizados e casamentos", sendo tudo, que nela era vendido, importado diretamente. Ali também é anunciado que os artigos para homens, senhoras e crianças, comercializados na "Casa Plácido", eram recebidos diretamente do "Chic Parisiense e Fluminense".

Na mesma propaganda, a "Casa Plácido" torna público que também vende artigos de uso doméstico: "da mais rica a mais modesta mobília, lavatórios, camas para casais, para solteiros e para crianças, tapetes para salas e entradas, esteiras, capachos, espelhos, jarros, cortinados para camas e portas, e cuspideiras", assim como "bicicletas e *tricycles* para crianças e mais artigos concernentes ao gênero".

Arquivo Jesuíno Vianna

**Casa Plácido**

Segundo Nobre (2001), em 05/10/1914, é inaugurada a "Fábrica Nacional de Mosaicos e Telhas"[4] pela firma Carvalho & Silva, pertencente a Plácido de Carvalho e Luiz Gonzaga Flávio da Silva. Esse estabelecimento industrial, situado na Rua Vinte e Quatro de Maio, perma-

neceria como propriedade dessa firma até 1922, quando passa a pertencer exclusivamente a Plácido de Carvalho, como se pode verificar no *Almanaque do Ceará* daquele ano[5].

Luiz Gonzaga Flávio da Silva, o outro proprietário do supracitado empreendimento, tornar-se-ia sócio do pai, o construtor Rodolpho Ferreira da Silva, numa nova fábrica de mosaicos a partir de 1926 (*Almanaque do Ceará* de 1926)[6].

Em 1915, Plácido de Carvalho dá início a construção de imponente prédio, de quatro andares, na Praça do Ferreira (lado da Rua Major Facundo) (LEITE, 1995).

Quando da construção desse prédio, ele é procurado por Luiz Severiano Ribeiro, que lhe propõe o arrendamento da sua parte térrea, onde pretendia instalar um cinema. Em 02/09/1917, era inaugurado o "Cine Theatro Majestic-Palace", pertencente a firma "Ribeiro & Cia.", nascida de uma sociedade de Luiz Severiano Ribeiro com Alfredo Salgado[7], em 1913 (Ibidem).

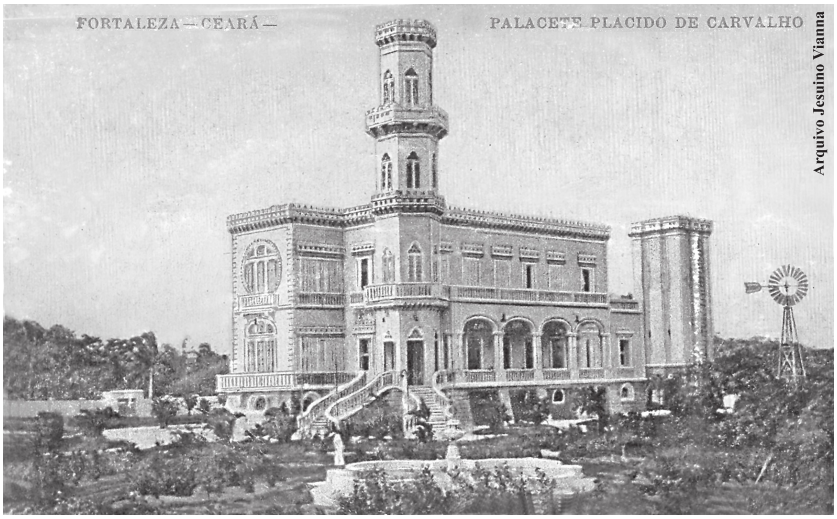
Em 1920, a "Ribeiro & Cia." arrendaria também os três andares superiores do supracitado prédio e instalaria um hotel denominado de "Majestic-Palace". Esse hotel, que permaneceria em atividade até 1926, pertenceria a "Ribeiro & Cia." até 1921, e, após a extinção dessa firma, nesse ano, continuaria a pertencer a firma individual "Luiz Severiano Ribeiro" até seu fechamento (*Almanaque do Ceará* de 1920 a 1928).

É oportuno lembrar que a "Ribeiro & Cia." também instalou salões de bilhar, nesse referido prédio, a partir de 1917, como já fizera, em 1916, no "Cine Riche" (*Almanaque do Ceará* de 1916 a 1919).

A parceria de Plácido de Carvalho com Luiz Severiano Ribeiro, que teve início com o arrendamento do prédio do "Majestic" pelo segundo empresário, iria se repetir por duas vezes mais: quando ele constrói o prédio do "Cine Moderno", também localizado na Praça do Ferreira, e o aluga para Ribeiro, que inaugura o seu cinema, ali instalado, em 07/09/1921, e, quando adquire, por volta de 1933, o prédio do "Cine Luz", localizado na Praça da Estação e pertencente a "Empresa Cine Luz Ltda.", e o arrenda para Luiz Severiano, que o reinaugura em 27/06/1933[8]. (LEITE, 1995).

Durante a primeira Guerra Mundial, Plácido de Carvalho se casa, em Paris, com Maria Pierina Rossi, nascida em Milão (Itália), em 11/01/1889. Dessa união, não nasceriam descendentes[9] (LOPES, SID).

Com a chegada de Pierina, ao Ceará, em 1917, o casal passou a residir na Rua Princesa Isabel. Somente em 1920, com a conclusão da construção do "Palacete Plácido de Carvalho", mudar-se-ia ele para o Outeiro (segundo depoimento oral de Rosita Rossi Jereissati).




**Palacete Plácido de Carvalho**

**Pierina de Carvalho**

Conforme declaração, de 15/06/1921, arquivada na Junta Comercial do Estado do Ceará, a firma "Plácido de Carvalho" declara que atua no "gênero de comércio de fazendas e armarinho", que se situa na Rua Major Facundo, nº 160, e que o "capital empregado no negócio" é de 200 contos de réis.

Não conseguimos identificar em que ano a "Casa Plácido" sai de atividade. No entanto, a última vez em que ela é arrolada, entre os estabelecimentos comerciais que atuam, em Fortaleza, no "ramo de modas e confecções", no *Almanaque do Ceará*, data de 1925.

Com base na Lei nº 2266, de 03/09/1925, que concedia, pelo prazo de 15 anos, isenção de décimas e todos os impostos estaduais, a quem construísse vilas operárias com 100 casas ou mais, o Presidente do Estado, José Moreira da Rocha, elabora a Lei nº 2352, de 14/11/1925, que concede, a Plácido de Carvalho, isenção, por 15 anos, de impostos estaduais, menos os de consumo, para um fábrica de fiação e tecelagem que ele vier a construir em Fortaleza (*Conjunto de Leis do Estado do Ceará*).

Essa isenção seria relativa à fábrica e seus produtos, ao prédio, no caso de ser próprio e para esse fim especialmente construído, ao escritório e armazéns de depósito dos produtos da fábrica, às casas de moradia de gerentes, mestres e contramestres, bem como à vila operária destinada à residência dos operários da fábrica.

Ela começaria a vigorar desde o dia da inauguração da fábrica e em relação à vila operária seriam observados os dispositivos da Lei nº 2266, de 03/09/1925.

Se, no prazo de dois anos, contados a partir de 14/11/1925, a fábrica não tivesse sido instalada, ficaria sem nenhum efeito a Lei nº 2352, bem como se a fábrica se limitasse a produzir tecidos crus, ordinários, semelhantes aos já produzidos por indústrias do Estado do Ceará.

O Governo Estadual se comprometia a solicitar à Câmara Municipal de Fortaleza, em benefício do concessionário, os mesmos favores que a Lei nº 2352 lhe concedia.

Em troca desses favores, o concessionário deveria se comprometer a fornecer ao hospital da Santa Casa de Misericórdia e a outros estabelecimentos de caridade, localizados no Estado do Ceará, o algodão hidrófilo de que necessitassem, com o abatimento de 25% sobre os preços de venda em grosso desse produto pela fábrica.

Essa fábrica, que, além de produzir algodão hidrófilo, deveria produzir tecidos alvejados, tintos e fantasia (morins, bramantes, brins-

brancos, cáquis e listrados –, chitas, cassas, zéfiros, bulgarianas e outros, bem como tecidos de malha e semelhantes), não se concretizou.

Possivelmente para beneficiar Plácido de Carvalho, o Presidente Moreira da Rocha, elaborou a Lei nº 2354, também de 14/11/1925, pela qual é concedida isenção, por 20 anos, de impostos estaduais, sobre a construção e exploração de um grande hotel em Fortaleza.

Tal hotel deveria conter, pelo menos, 40 aposentos higiênicos e confortáveis, devendo o edifício obedecer a uma arquitetura moderna.

Essa isenção começaria a vigorar desde o dia de inauguração do hotel, cuja construção deveria ter início dentro do prazo de 24 meses, a contar da data de publicação da referida lei.

A possibilidade aventada, anteriormente, de que a Lei nº 2354 foi elaborada para dar privilégios a Plácido de Carvalho, baseia-se no fato de que, no ano de 1927, ele daria início à construção do "Excelsior Hotel". Porém, não encontramos, em nenhuma das fontes pesquisadas, qualquer evidência de que ele tenha usufruído os benefícios concedidos por ela, a partir da inauguração daquele hotel.

Em 1927, Plácido de Carvalho manda demolir o "Sobrado do Comendador Machado" e, no seu local, dá início a construção do "Excelsior Hotel", que será inaugurado em 31/12/1931 (GIRÃO, 1979).

Coincidentemente, no ano que tem início a construção do "Excelsior Hotel", Fortaleza passaria a dispor, a partir de 17/07, de um moderno hotel, o "Palace Hotel", situado no Passeio Público e pertencente a Éfren Gondim. O "Palace Hotel" se situava no prédio onde funcionou o "Hotel de France", que passou por uma reforma após ter sido adquirido, por 80 contos de réis, por José Gentil Alves de Carvalho, dos herdeiros de Dário Teles de Menezes (conforme nota nº 21, do conjunto de notas, de autoria de Raimundo Girão, anexado a Bezerra (1992)).

Segundo propaganda, no *Album de Fortaleza* de 1931, o "Excelsior Hotel" era "servido por elevadores Otis", tinha "apartamentos, para famílias e cavalheiros, com dormitórios, sala de visita, banheiro e telefone", todos dotados de "água corrente e mobiliário de 1ª classe". Dispunha também de "especial cozinha à brasileira e estrangeira, **restaurant à La carte, american bar**, vasto terraço para **dancing**, banquete, recepções etc., a 50m de altura, salão de barbearia e manicure e central telefônica ligada a todos os aposentos".

Plácido Barbosa de Carvalho faleceria a 04/06/1935, no "Excelsior Hotel", após padecer, por seis meses de grave enfermidade (*O Povo*, de 05/06/1935).

Em edição de 08/06/1935, o jornal *O Povo* traz notícias sobre o testamento deixado por Plácido. Segundo a matéria ali publicada, ele teria deixado para Natale Rossi, seu cunhado, 50 contos de réis; para José Lucas da Silva (construtor), 10 contos; para José Borges dos Santos, três contos; e, para Francisco Lopes (gerente da fábrica de mosaicos), 15 contos.

Para sua irmã, Maria das Mercedes Fernandes Vieira, foi deixada uma pensão vitalícia de 600$000 e partes do prédio da Rua Barão do Rio Branco, nº 810, onde ela já possuía partes.

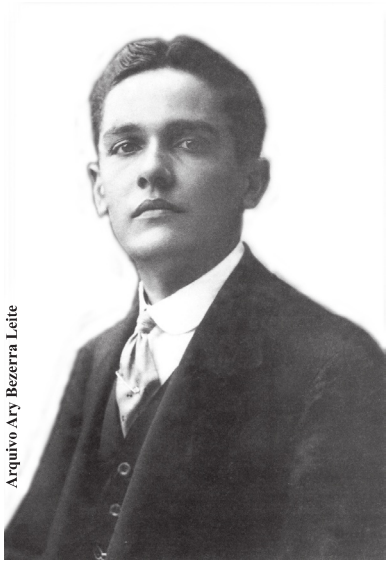
Para seus sobrinhos-netos, filhos de sua sobrinha e afilhada Denise Vieira Paiva, filha de Maria das Mercedes e Afonso Fernandes Vieira, e casada com o Tenente Gonçalo Paiva, coube os prédios da "Farmácia Oswaldo Cruz", do "Cine Moderno", bem como o prédio situado, atualmente, no cruzamento das ruas Alberto Nepomuceno com Rufino de Alencar[10] (que deveriam permanecer inalienáveis e impenhoráveis) e mais 60 contos de réis, destinados à construção de um prédio na cidade do Rio de Janeiro.

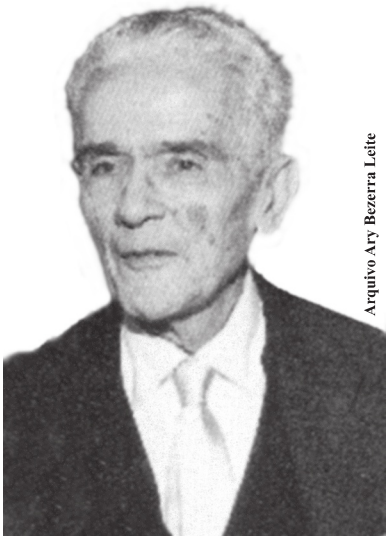
Para Zaira Andersen, filha de Pierina e sua enteada, deixou Plácido de Carvalho o "Palacete Iracema" (também conhecido como "Sobrado do Pastor"), localizado na Praça do Ferreira, e um prédio situado na Praia de Iracema (ambos os imóveis gravados com as cláusulas de inalienabilidade e impenhorabilidade).

Para Maria Pierina Rossi de Carvalho[11], sua esposa, além de joias e dinheiro, tocou todos os outros bens móveis e imóveis de sua propriedade, como os prédios do "Cine Majestic" e do "Excelsior Hotel". No caso dos bens imóveis, todos deveriam atender as condições de não alienação e não penhorabilidade.

Deixou Plácido, ainda, para a Santa Casa de Misericórdia, 100 contos de réis; para o Asilo de Alienados, 100 contos; para o Colégio da Imaculada Conceição, 100 contos; para o Instituto de Proteção à Infância, 50 contos, e, para a Escola Pio X, 50 contos. O legado deixado para estas instituições estava sob a forma de títulos da dívida pública da União, valendo, cada um, 1:000$000, (todos gravados com as cláusulas de inalienabilidade e impenhorabilidade).

## 3 Luiz Severiano Ribeiro




**Luiz Severiano Ribeiro**

Luiz Severiano Ribeiro, nascido a 03/06/1885, em Baturité, era filho de Luiz Severiano Ribeiro e de Maria Felícia Caracas Ribeiro.

De Luiz Severiano Ribeiro, seu pai, sabe-se que nasceu, em 03/02/1846, em Cascavel e que era filho do Major João Severiano Ribeiro, que foi deputado provincial por seis legislaturas, e de Eufrásia Severiano. Era médico formado, pela "Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro", em 1872, e faleceu, em Fortaleza, em 02/07/1916 (LINHARES, 2001).

De Maria Felícia, sua mãe, sabe-se, por seu turno, que era filha do Capitão José Pacífico da Costa Caracas, tido como o maior cafeicultor do Maciço de Baturité, a sua época, e de Ana Felícia de Lima Caracas (Ibidem).

Aos 18 anos, Luiz Severiano Ribeiro, o filho, segue para o Rio de Janeiro, onde começa a cursar Medicina, porém com a morte de sua mãe, em 09/07/1904, abandona os estudos e retorna à Baturité (VAZ, 2008).

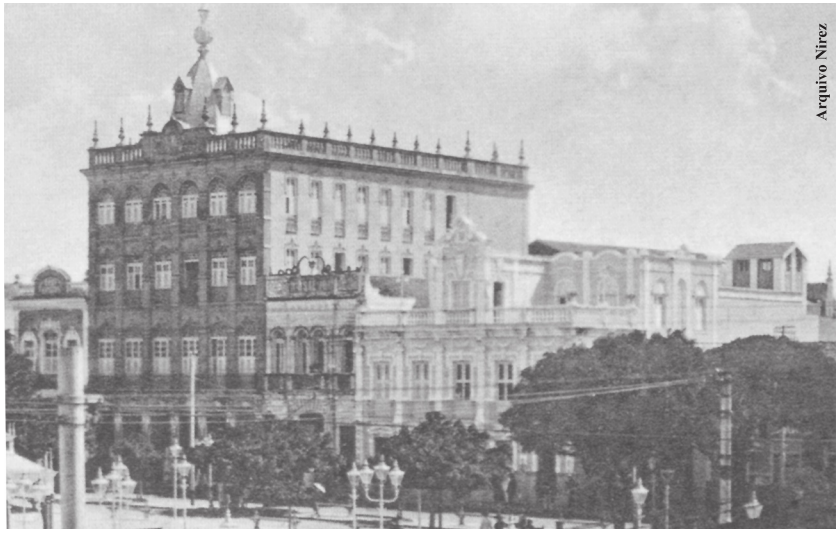
De posse da herança que recebera da mãe constitui, em 1907, a firma "Menescal & Ribeiro Ltda.", em sociedade com seu cunhado, Antônio da Justa Menescal, tornando-se coproprietário da já existente "Livraria Menescal" (Ibidem).

**Livraria Menescal**

Em 08/01/1910, casa-se ele com Alba Moraes, filha de Paulo Augusto de Moraes, proprietário da loja "Torre Eiffel"[12]. Desse consórcio, nasceriam Luiz Severiano Ribeiro Junior, Germana, Iolanda, Laís e Vera (Ibidem).

No início de 1911, Ribeiro decide romper com a sociedade estabelecida com Antônio da Justa Menescal e montar um negócio exclusivamente seu. Para isso, ele contava com a herança, que estava prestes a receber, dos seus avós paternos, o Major João Severiano Ribeiro (falecido em 16/11/1899) e Eufrásia Severiano (falecida em 08/04/1906), cujo inventário estava em fase de conclusão (Ibidem).

Em 1912, adquire e reforma o palacete pertencente a firma "Machado Coelho & Cia., localizado na Rua Major Facundo (na Praça do Ferreira) e inaugura ali, em junho desse ano, a "Casa Ribeiro". Nesse prédio, em seus altos, também fixará residência com sua família[13] (Ibidem).




**Palacete Luiz Severiano Ribeiro**

Segundo a referida obra de Vaz, o sucesso desse empreendimento comercial foi tão grande que estimulou Ribeiro a abrir, em 1913, uma filial no Recife, que, em pouco tempo, seria mais próspera que a matriz de Fortaleza.

O ano de 1913 marca, ainda, o início da sua atuação no ramo de hotelaria. Nesse ano, ele constitui, junto com Alfredo Salgado, a firma "Ribeiro & Cia.", que aluga o "Sobrado do Comendador Machado"[14] e ali instala o "Hotel Central"[15] (ADERALDO, 1989).

No dia 21/09/1913, a "Ribeiro & Cia." instala, também, no térreo do prédio do "Hotel Central", o "Café Riche" (Ibidem).

Em 1914, quando a Companhia Antarctica Paulista oferece a Luiz Severiano Ribeiro a representação de seus produtos em Fortaleza, ele decide explorar também um novo ramo de atividade, o da fabricação de gelo, ao instalar uma fábrica desse produto na Rua Santa Isabel (atual Rua Princesa Isabel) e um depósito, na Rua do Rosário[16] (VAZ, 2009; *Almanaque do Ceará* de 1916).

A produção dessa fábrica era utilizada para suprir as necessidades do "Hotel Central" e do "Café Riche", bem como as de outros estabelecimentos, desses gêneros, situados em Fortaleza[17].

**Hotel Central** e **Café Riche**

Segundo o *Almanaque do Ceará* de 1914, naquele ano, a "Livraria e Papelaria Ribeiro", situada na Rua Major Facundo (nº 90), vende bolsas para colegiais, lápis, canetas, giz, ardósias, cadernos, tintas, papéis diversos, livros de ensino primário, secundário e superior, livros e artigos religiosos e novidades literárias. Já a "Casa Ribeiro", localizada na supracitada rua, no então nº 75, comercializa louças, vidros, móveis, artigos de uso doméstico (espelhos, tapetes etc.), imagens e artigos religiosos, gramofones e discos.

**Livraria e Papelaria Ribeiro**

Em 23/12/1915, Luiz Severiano Ribeiro dá início as suas atividades como exibidor de cinema, já que, nessa data, a firma "Ribeiro & Cia." inaugura o "Cinema Riche", que passa a funcionar no prédio onde esteve instalado, até 1914, o "Art-Nouveau", cinema de propriedade de Victor di Maio (no atual cruzamento das ruas Guilherme Rocha com Major Facundo) (LEITE, 1995).

Em janeiro de 1916, a "Ribeiro & Cia." lidera um acordo realizado pelos exibidores de cinema de Fortaleza, que ficou conhecido como "União Cinematographica" (ou "2º **trust** exibidor"), que duraria até 01/01/1917. Em decorrência desse acordo, o "Cinema Riche" ficou fechado até 04/03/1916, quando voltou a exibir filmes[18] (Ibidem).

Ainda em 1916, o "Cine-Theatro Polytheama", que fora inaugurado, em 1911, na Praça do Ferreira, pela "Empresa Rola & Irmão", pertencente a José e Joaquim de Oliveira Rola, passa para a propriedade da firma "Ribeiro & Cia.". Em 24/06/1918, esse cinema fecharia suas portas (Ibidem).

Em 1917, Luiz Severiano Ribeiro dá início a sua parceria com Plácido de Carvalho, ao arrendar dele o "Cine-Theatro Majestic-Palace", através da firma "Ribeiro & Cia.". Essa parceria ainda se repetiria, em relação a salas de exibição de cinema, mais duas vezes: quando dos arrendamentos dos prédios do "Cine Moderno" e do "Cine Luz", pertencentes a Carvalho.

Fonte: Album de Fortaleza (1931)

**Luiz Severiano Ribeiro e os cines Moderno e Majestic**

É oportuno lembrar que a "Ribeiro & Cia." também arrendou, de Plácido de Carvalho, os demais andares do prédio onde funcionava o "Cine Majestic" e ali instalou, em 1920, o hotel "Majestic-Palace" (*Almanaque do Ceará* de 1920).

Em propaganda no *Almanaque do Ceará* de 1920, a "Livraria e Papelaria Ribeiro" anuncia que é a "unica recebedora dos aparelhos de gymnastica do Professor Eneas Campello", que também é uma "Agencia Geral das Revistas Nacionais: Malho, Tico-Tico, Para Todos, Leitura Para Todos, Fon-Fon, Careta, Selecta, Revista da Semana, Vida Sportiva, Eu Sei Tudo, Revista do Brasil, Ilustração Portugueza, Chacaras e Quintaes, Brasil Agricola, etc.", bem como que possui "Grande sortimento de bolsas para collegiaes, lapis, giz, ardozias, cadernos para escrita e desenho, tintas, papeis diversos, livros de ensino primario, secundario e superior, livros e artigos religiosos, etc."

No início de 1921, é desfeita a sociedade de Luiz Severiano Ribeiro com Alfredo Salgado. Em decorrência disso, ele constitui, em 01/04 daquele ano, uma firma individual que levava o seu nome e que será proprietária de uma livraria e de uma empresa de exibição de cinema. Essa firma tinha sua sede na Praça do Ferreira, nos números de 196 a 200, e um capital de 150 contos de réis (Cadastro das Casas Commerciaes do Estado do Ceará – Junta Comercial do Estado do Ceará, 1926).

Ainda em 1921, no dia 07/09, ele inaugura o "Cine Moderno", na Praça do Ferreira, e fecha, definitivamente, no dia 11/11, o "Cinema Riche" (LEITE, 1995).

Em 1922, Luiz Severiano Ribeiro constituiu, no Recife, em sociedade com José Inácio Guedes Filho, a firma "L.S. Ribeiro & Cia", que teria como objetivo exclusivo à locação de filmes estrangeiros. Essa firma existiria até 1926 (VAZ, 2008).

No ano de 1922, ainda, Ribeiro reinauguraria, após uma reforma no prédio, o "Cine Polytheama", no dia 21/03, e transferiria, para a firma "Jucá & Ramon", as posses do "Hotel Central" e do "Café Riche" (LEITE, 1995; *Almanaque do Ceará* de 1922).

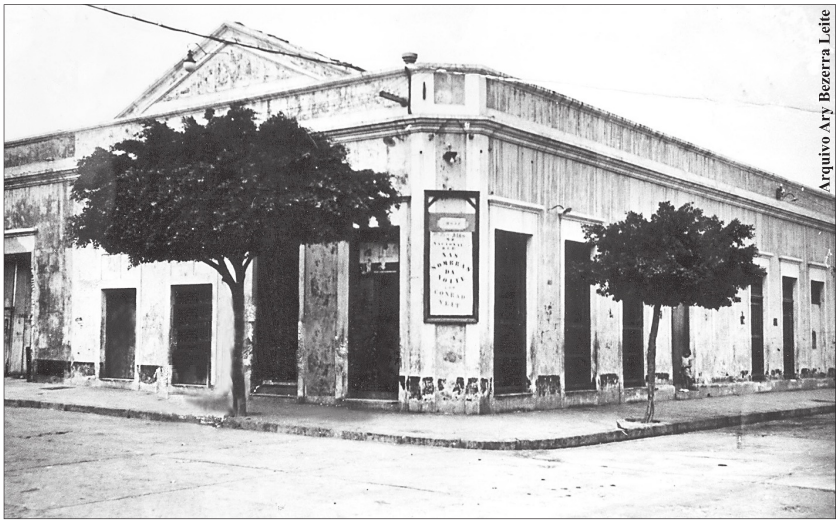
O ano de 1925 será muito marcante, para Luiz Severiano Ribeiro, tanto no que diz respeito a sua vida pessoal quanto em relação a sua vida empresarial. Nesse ano, ele se transfere, definitivamente, com a família, para o Rio de Janeiro, e também inaugura os seus dois primeiros cinemas fora de Fortaleza. Tratam-se dos cines Royal e Helvética,

que, em sociedade com Joaquim de Matos Vieira, inaugurou no Recife (VAZ, 2008).

Em 1926, com a constituição da "Associação dos Exibidores Reunidos", Ribeiro se torna o único representante da Metro no Brasil. A partir desse ano, segundo Nobre (1989), "uma vez assegurado o mercado de Fortaleza, não foi difícil para ele, valendo-se da experiência acumulada, estender-se às outras capitais do Norte e Nordeste", quando passou "a exercer o controle absoluto do mercado de exibição cinematográfica desde Recife (PE) até Rio Branco (AL)".

A partir do *Almanaque do Ceará* de 1926, a "Livraria Ribeiro" passa a constar como pertencente a firma "Moraes & Cia.", bem como, a partir do *Almanaque do Ceará* de 1928 (para o ano de 1927), passa a não mais ser arrolado, entre os hotéis de Fortaleza, o "Majestic-Palace".

Em 27/06/1933, Luiz Severiano Ribeiro reinaugura o "Cine Luz", localizado na Praça Castro Carreira (mais conhecida como Praça da Estação). Esse cinema, que fora inaugurado em 23/03/1931, pela "Empresa Cine Luz Ltda", de propriedade de Bernardino Proença Filho e José Bezerra Rocha, não permaneceu muito tempo em atividade. Com seu fechamento, Plácido de Carvalho adquiriu seu prédio e o arrendou para Ribeiro[18]. O "Cine Luz" foi desativado, definitivamente, em 1952 (LEITE, 1995).




**Cine Luz**

De 1933 a 1935, ele amplia, de 12 para 30, o número de cinemas, de sua propriedade, no Rio de Janeiro (Ibidem).

Em 1938, tem início a construção do "Cine São Luiz", de Fortaleza, no local onde se localizaram, na Praça do Ferreira, a antiga casa de Ribeiro e o "Cine Polytheama", que apresentou a última sessão de cinema em 20/11/1938. Essa construção se estenderia por 20 anos, sendo o "São Luiz", por fim, inaugurado em 26/03/1958 (Ibidem).

Em 07/09/1940, Luiz Severiano Ribeiro inaugura, em Fortaleza, o "Cine Diogo", tornando, os tradicionais cinemas "Majestic" e "Moderno", salas de exibição de segunda classe (Ibidem).

Em maio de 1948, ele já tinha 47 salas de exibição no Rio de Janeiro, número que se expandiria, para mais de 60, em 1952, o que o tornava o líder do mercado exibidor carioca (Ibidem).

É oportuno lembrar que Ribeiro, por duas vezes, teve o seu então controle monopolístico do mercado de exibição fortalezense ameaçado. A primeira delas, na década de 1940, quando a firma "Clóvis Janja & Cia." instalou o "Cine Cristo Rei" (na atual Praça da Bandeira) e o "Cine Rex" (na Rua Gal Sampaio). A segunda, nos anos de 1950, quando a "Empresa Cinematográfica do Ceará" (Cinemar), pertencente a Amadeu Barros Leal, instalou os cines "Jangada" (na Rua Floriano Peixoto), "Atapu" (no atual cruzamento da Rua Visconde do Rio Branco com Av. Pontes Vieira), "Araçanga" (na Rua Barão do Rio Branco)[19] e "Samburá" (na Rua Major Facundo).

Nos dois casos, a concorrência não foi apenas derrotada, como Luiz Severiano se tornou proprietário de três de suas salas de exibição: os cines "Rex", "Jangada" e "Samburá" (que passaria a se chamar "Cine Fortaleza") (Ibidem).

Em 1956, a Empresa Luiz Severiano Ribeiro possuía, em Fortaleza, os seguintes cinemas: "Diogo", "Moderno", "Majestic", "Rex", "Joaquim Távora", "América", "Centro", "Nazaré", "Ventura" e "Messejana" (*Anuário do Ceará* de 1956).

Em 1968, curiosamente, nos maiores cinemas que Ribeiro possuíra, em Fortaleza, antes de inaugurar o "Cine Diogo" e o "Cine São Luiz", ocorrem grandes incêndios. No "Cine Majestic", que já fora atingido por um incêndio em 04/04/1955, o sinistro ocorreu em 01/01/1968, e, no "Cine Moderno, em 21/05/1968. Com isso, essas duas salas de exibição paralisaram, definitivamente, suas atividades (LEITE, 1995).

Em 1971, Luiz Severiano Ribeiro transfere a direção do seu grupo cinematográfico para Luiz Severiano Ribeiro Junior (VAZ, 2008).

Luiz Severiano Ribeiro, o "Rei do Cinema", falece, no Rio de Janeiro, em 01/12/1974 (Ibidem).

**NOTAS:**

1) Essas informações nos foram cedidas, em depoimento oral, por Hélio Pinto Vieira, profundo conhecedor da história de Canindé e autor do livro *Cronologia Canindeense*, publicado em 1997.

2) A primeira dessas notícias pode ser constatada em anúncio publicado, em 01/01/1881, em *O Cearense* e, a segunda, no artigo "Curiosos Aspectos do Comércio de Fortaleza, de 1860 a 1880", de autoria de Antônio Theodorico da Costa, publicado, em 29/06/1934, em *O Nordeste*, no qual ele descreve os estabelecimentos comerciais que existiram de, 1860 a 1880, em Fortaleza.

3) Não conseguimos identificar os proprietários dessa firma, mas certamente eram comerciantes nascidos ou com raízes familiares em Canindé, já que apresentam sobrenomes ali tradicionais.

4) No rol das fábricas de mosaicos constantes nos *Almanaques do Ceará*, de cada ano, a referida fábrica, pertencente a firma "Carvalho & Silva", nunca apareceu com essa denominação.

5) Quando a fábrica de mosaicos, pertencente a "Carvalho & Silva", é instalada, Fortaleza já dispunha da "Plástica Cearense", fábrica de mosaicos, que entrou em atividade em 1900, de propriedade de Júlio Pinto do Carmo, que importara uma prensa da Alemanha (LEITE, 1995).

É oportuno lembrar que Júlio Pinto do Carmo também foi um dos pioneiros na exibição de cinema em Fortaleza (Ibidem).

Posteriormente, a "Plástica Cearense" viria a pertencer a Meton de Alencar, cunhado de Júlio Pinto do Carmo, até sua morte, em 1932 (*Almanaque do Ceará* de 1932).

A partir de 1926, Fortaleza passou a dispor de três fábricas de mosaicos: a de Meton de Alencar, na Rua Pedro Pereira; a de Plácido de Carvalho, na Rua Barão do Rio Branco; e a da "Rodolpho Ferreira da Silva & Filho", na Rua Gal. Sampaio (*Almanaque do Ceará* de 1926).

Sobral, a segunda cidade mais importante do estado, passou a contar com duas fábricas de mosaicos na década de 1920: a primeira, inaugurada em 1926, pertencia a Oriano Mendes, e, a segunda, denominada de "Estrella", foi instalada por Falb Rangel, em 1928, e transferida, em 1929, para a propriedade de Paulo Ximenes Aragão (*Correio da Semana*, de 03/04/1926; de 11/10/1928; e de 07/09/1929).

6) Luiz Gonzaga Flávio da Silva já era sócio da firma "R. F. da Silva & Filho", continuação da "Serraria Rodolpho", fundada, em 1882, por seu pai.

Com a extinção da firma "Carvalho & Silva", em 1922, Luiz Gonzaga constituiria a "Em-

presa Silico-Calcárea Ltda., que inauguraria, em 01/01/1925, uma fábrica de tijolos silico-calcáreos na Rua da Alfândega (atual Rua Dragão do Mar), segundo Nobre, 2001.

Em 1926, ele, em sociedade com o pai, inaugura uma fábrica de mosaicos, em parte das instalações, onde já funcionam a serraria e construtora da "R.F. da Silva e Filho, na R. Gal Sampaio (*Almanaque do Ceará* de 1926).

É oportuno lembrar que, na época da construção do "Palacete Plácido de Carvalho", pela R.F. da Silva & Filho, Luiz Gonzaga era sócio de Plácido na firma "Carvalho & Silva".

7) Alfredo da Rocha Salgado (1855-1947), em 1892, associado a George Holderness, constituiu a firma "Holderness & Salgado", a qual passava a pertencer a antiga "Casa Inglesa", de onde foram auxiliares. Em 1895, Salgado era secretário do Banco do Ceará S.A. e diretor da Cia. Prado Cearense. A partir de sua atividade como exportador de algodão, decidiu montar uma fábrica de extração de óleo de caroço de algodão, situada na antiga Praça José de Alencar. As sucessivas firmas que possuiu, atuaram sempre no comércio de importação e exportação e como casas bancárias ("Salgado, Rogers & Cia." (1910); e "Salgado, Filho & Cia." (1923)) ou apenas no comércio de importação e exportação ("Casa Salgado S.A." (1936)) (VIANA, 1994).

8) Segundo Nobre (2001, p. 199), "[...] o fato muito significativo da construção, em Fortaleza, de prédios modernos, como os dos cinemas Politeama (*sic*), Moderno e Majestic, na Praça do Ferreira, pelo capitalista Plácido de Carvalho [...]". Se confirmada, essa citação desse autor, a referida parceria se expande para o número de quatro.

9) Antes de casar com Plácido, no entanto, Pierina já tinha tido uma filha de nome Zaira.

Zaira, que passou a residir no Ceará, a partir de 1924, quando veio da Europa, casar-se-ia aqui com o dinamarquês Frederick Andersen, com quem teve quatro filhos: Ralph, Helga, Dagmar e Ingrid (LOPES, SID).

Após o casamento, Zaira e Frederick foram residir no "Sítio Arvoredo", em Guaramiranga, e, em seguida, na "Granja Castelo", à margem da Lagoa de Messejana. Posteriormente, mudar-se-iam para S. Paulo, onde passariam a morar, em imensa propriedade, às margens da Represa Billings (Ibidem).

É oportuno lembrar que Frederick Andersen era, em meados da década de 1930, representante, em Fortaleza, do "Sindicato Condor Ltda.", uma das empresas pioneiras a atuar, no Brasil, no setor de transporte aéreo (OLIVEIRA e LAVOR, 2008).

Pierina, por sua vez, depois de enviuvar de Plácido, em 1935, ainda se casaria, em 1938, com Emílio Hinko (1901-2002), arquiteto húngaro residente, em Fortaleza, desde 1929, com quem também não teria mais filhos (LOPES, SID; OLIVEIRA e LAVOR, 2008).

10) Plácido reformou, em 1927, o prédio da "Farmácia Oswaldo Cruz". Já esse prédio situado na Praça da Sé, ao contrário do que muitos pensam, não foi construído por ele. Provavelmente esse imóvel foi construído pelo Comendador Joaquim Ignacio da Costa Miranda, para ser sua residência.

O Comendador Joaquim Ignacio da Costa Miranda, é oportuno lembrar, era, 1833, Inspetor da Tesouraria de Fazenda da Província do Ceará, bem como era sogro de Francisco de Paula Pessoa Filho, médico e político, filho do Senador Paula Pessoa (BEZERRA, 1992; STUDART, 1913).

Também é oportuno lembrar que o Cel. Afonso Fernandes Vieira, cunhado de Plácido de Carvalho, era filho do Dr. Manoel Fernandes Vieira e neto de Francisco Fernandes Vieira (o Visconde do Icó), bem como que, com a morte de seu pai, tornou-se, junto com mais três irmãos, proprietário do prédio, situado no cruzamento da Rua Senador Pompeu com a Rua Senador Alencar, que foi vendido, por eles, ao governo imperial, para ali instalar a Tesouraria de Fazenda. Hoje funciona, no referido prédio, o Arquivo Público (BEZERRA, 1992; STUDART, 1913).

11) Pierina viria a falecer, em Fortaleza, a 16/12/1957, vitimada, pelas consequências, de forte diabetes (LOPES, SID).

12) Segundo o *Cadastro das Casas Commerciaes do Estado do Ceará*, v. I, 1926, a firma "Paulo Moraes & Filhos", proprietária da loja "Torre Eiffel", situada na Rua Major Facundo, tinha como objetivo o comércio de modas, tecidos e miudezas, e um capital social, em 02/01/1924, de 100 contos de réis, assim dividido: Paulo Augusto de Moraes (80 contos); Jader Augusto de Moraes (15 contos); e Célio Augusto de Moraes (cinco contos).

13) Segundo Aderaldo (1989), Ribeiro teria residido, nesse sobrado, por poucos meses.

14) Esse prédio pertenceu primitivamente ao Comendador José Antônio Machado e foi construído, em 1825, por Conrado Jacob de Niemeyer (Ibidem).

15) Segundo Vaz (2008), o início da atuação de Ribeiro no ramo da hotelaria teria se dado quando ele arrendou o "Hotel de France" em 1913. No entanto, tomando como base os *Almanaques do Ceará*, essa afirmação desse autor se mostra sem fundamento.

16) De acordo com Vaz (2008, p. 40). "Nesse mesmo ano (1914), ele abriria outras seis pequenas fábricas de gelo em vários pontos da cidade". Mais uma vez, no entanto, tomando como referência os *Almanaques do Ceará*, essa afirmação do referido autor não tem fundamentação, já que a única fábrica de gelo que Ribeiro possuiu em Fortaleza foi a localizada, na então, Rua Santa Isabel (atual Rua Princesa Isabel).

17) O Major Júlio Pinto do Carmo e os irmãos Rola, que também foram exibidores de cinema, tal qual seria Ribeiro em breve, também foram proprietários de fábricas de gelo. Aliás, este é um traço, apresentado em comum, entre os exibidores cinematográficos que atuaram nas três primeiras décadas do século XX (LEITE, 1995).

Em Sobral, na década de 1920, Oriano Mendes, que era proprietário do "Eden Cine", também era proprietário de fábrica de gelo, que funcionava nas instalações do referido cinema, bem como os irmãos Macedo, proprietários do "Cine Glória", também ali produziam gelo (*Correio da Semana*, de 10/08/1929; e de 05/12/1929).

18) Esse acordo, que ficou conhecido como "2º **trust** exibidor", estabelecia que deveriam permanecer em atividade somente os cinemas "Polytheama" e "Rio Branco", devendo serem fechados o "Riche", o "American Kinema" e o "Cassino Cearense". No dia 17/01/1916, o recém-inaugurado cinema "Riche" oferecia sua última sessão (VAZ, 2008).

Pelo referido acordo, Luiz Severiano Ribeiro se propunha a arrendar os demais cinemas, que não o seu, por um prazo de, no mínimo, cinco anos, pagando uma renda fixa aos seus proprietários, que se comprometiam, por seu turno, a não mais abrir outros cinemas em Fortaleza ou nas suas imediações (LEITE, 1995).

19) No local onde funcionaram o "Cine Luz" e a antiga "Fábrica Proença", Emílio Hinko, viúvo de Pierina, instalaria o "Shopping Acaiaca" em 1994.

20) O "Araçanga" teve depois o seu nome mudado para "Cine Art".

## Referências Bibliográficas

ADERALDO, M. S. A Praça. Fortaleza: Tipogresso (1989).

Album de Fortaleza de 1931.

*Almanaque do Ceará* (de 1896 a 1936).

*Anuário do Ceará* de 1956.

*Arquivos da Junta Comercial do Estado do Ceará*.

BARROS, Leal, V. "A Família Barbosa Cordeiro". In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: tomo CXIX, ano CXIX, v. 119 (2005).

BEZERRA, A. B. de. Descrição da Cidade de Fortaleza. Fortaleza: UFC (1992).

*Cadastro das Casas Commerciaes do Estado do Ceará* (1926).

Conjunto de Leis do Estado do Ceará.

*Correio da Semana* (de 1926 a 1930).

COSTA, A. T. da. "Curiosos Aspectos do Comércio de Fortaleza, de 1860 a 1880". In: *O Nordeste*, 29/06/1934.

GIRÃO, R. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil (1979).

LEITE, A.B. Fortaleza e a Era do Cinema. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, (1995).

LOPES, M. *As Divinas Damas*. Fortaleza: SIE e SID.

LINHARES, M.C. *Guaramiranga e os Caracas*: Notas Genealógicas. Fortaleza: ABC Editora (2001).

NOBRE, F. da S. *O Ceará e o Cinema*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas (1989).

NOBRE, G.da S. *O Processo Histórico de Industrialização do Ceará*. Fortaleza: FIEC (2001).

"*O Cearense*", de 01/01/1881.

OLIVEIRA, A. e LAVOR, I. *A História da Aviação no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda. (2008).

*O Povo*, de 05/06/1935 e 08/06/1935.

STUDART, G. *Dicionário Bibliográfico Cearense*. Fortaleza: Typo-Lithografia a Vapor (1913).

VAZ, T. *O Rei do Cinema* – A extraordinária história de Luiz Severiano Ribeiro, o homem que multiplicava e dividia. Rio de Janeiro: Record (2008).

VIANA, C.N. "A Indústria de Óleo de Caroço de Algodão no Ceará: O Surto de Investimentos de 1919 a 1925". In: *Revista Econômica do Nordeste*. Fortaleza, v.25, n.3, p.385 – 437, jul/set, 1994.